

# Falo e identificação: fragmentos da clínica de Freud

Ana Maria Portugal\*

Elisa Arreguy Maia\*\*

Graça A. Curi\*\*\*

Jeanne D'Arc Carvalho\*\*\*\*

Lícia Mara Dias\*\*\*\*\*

Tânia Ferreira\*\*\*\*\*

## Introdução

Este texto é fruto das elaborações do cartel de transmissão, responsável pelo Seminário de Leitura de Freud. Para pensarmos na **identificação e suas incidências clínicas**, tomamos a via da clínica de Freud. É aí, na construção do caso clínico, que vai sendo lapidada a teoria. A partir da problemática fálica, na clínica da histeria e da obsessão, gravitam questões relativas à identificação e ao corte.

Os fragmentos clínicos foram extraídos dos textos: *A disposição à neurose obsessiva* (1913), *O sentido dos sintomas* (1917) e *A psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (1920).

Esta escolha marcou uma temporalidade que exigiu investigar, em um primeiro tempo, outros textos que situam a lógica fálica em relação à organização pulsional no complexo de Édipo e complexo de Castração. Assim, o início de nossas leituras se fez em torno dos textos *A organização genital infantil* (1923), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) e *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), antecipando para nós questões ainda não concluídas por Freud nos casos clínicos mencionados, que são anteriores a estes trabalhos. Em um primeiro tempo, acompanhamos os pontos de impasse de Freud em relação à constituição do sujeito, a partir do complexo de Édipo e do complexo de Castração, no que diz respeito ao tornar-se um homem e tornar-se uma mulher. **A castração implica operações que, além do recalque, exigem do sujeito mais trabalho: dessexualização, identificação e sublimação, operações que supõem uma escrita.**

## Complexo de Édipo e Complexo de Castração

A evolução da teorização do complexo de Édipo esbarra em três pontos decisivos, reelaborados por Freud a partir do ano de 1923:

a questão da sexualidade da menina ganha um estatuto diferente, pois até então era tomada como uma réplica invertida do que ocorria com a sexualidade do menino. Pela primeira vez, ao invés da "exata analogia" entre meninos e meninas, Freud reconhece que "os processos correspondentes nas meninas nos faltam";<sup>1</sup> 1913

a introdução do estágio fálico, como uma lógica onde se destacam o complexo de Castração e a noção do falo como organizador;

a questão do declínio do complexo de Édipo passa a desempenhar papel fundamental na constituição do sujeito, sem, contudo, responder pela antítese Homem/Mulher.

Dessa forma, o que se pode apurar nesse momento é a formalização do (estádio fálico) fundamental na organização da sexualidade do sujeito e o apontamento de que a característica principal da "organização genital infantil" difere da organização do adulto, por levar em conta apenas um órgão genital, o masculino. O importante a se ressaltar aí é que não se trata da primazia dos genitais, como havia sido elaborado anteriormente, mas da primazia do falo. A primazia do falo inscreve a passagem a uma dissimetria entre os sexos, não mais pela analogia ou pela réplica invertida. Essa dissimetria, sustentada pela lógica fálica, marca a antítese masculino/castrado, em que a dimensão do feminino não se coloca.

*Der Untergang des ÖdipusKomplexes*. O texto de 1924, *O declínio do complexo de Édipo* (tradução pela qual optamos), traz no título original o termo *Untergang*, que indica declínio, naufrágio, ruína ou queda, e introduz, por esse próprio termo, um corte. Isto porque o complexo de Édipo vai crescendo em importância como algo de significação central na vida sexual da infância e, logo após, sucumbe ao recalque.

Mesmo que não haja nada de extraordinário na realidade, há na vida sexual infantil uma esperança que vai sendo continuamente negada e, com esses desapontamentos penosos, o complexo se encaminha para seu fracasso, como resultado de sua "impossibilidade intrínseca".<sup>2</sup> 1924

Essa impossibilidade se evidencia pelo fato de que o complexo de Édipo está construído na fantasia, a excitação sexual que o torna vigente tem sua descarga na masturbação, e sua realização supõe uma ameaça de retaliação por parte de um dos parceiros do par parental. Mas a impossibilidade aí definida e a efetivação da ameaça só recebem o crédito da criança frente à percepção da diferença sexual, ou seja, da ausência de pênis na mulher.

Diante da constatação da diferença anatômica, a criança rejeita a ausência de pênis na mulher e desenvolve a crença na universalidade do falo, uma crença que se sustenta na negatividade da falta, criando uma divisão que só se resolve do ponto de vista lógico. O julgamento e a

crença valem mais do que a percepção, e o sujeito se sustenta neste mesmo fundamento. A idéia do pênis na mulher é mantida e só se desfaz quando a criança adivinha que apenas as mulheres podem dar nascimento a um bebê. Estabelece-se a equivalência lógica bebê=pênis, ou seja, somente outra construção da mesma lógica faz cair a construção anterior. É aí que se manifesta a dissimetria entre o menino e a menina frente à castração.

A primeira reação do menino diante da diferença sexual é de indecisão e pouco interesse: "ele não vê nada ou recusa (*Verleugnung*) o que viu". A menina, por sua vez, faz seu juízo e toma sua decisão num instante: "ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo".<sup>3</sup> 1925

Como já apontamos, é com essa confrontação que a "impossibilidade intrínseca" do complexo de Édipo se evidencia e começa o seu declínio. A confluência do estágio fálico e da atitude edipiana (atitude=*Einstellung*, literalmente posição de um) força o sujeito a se posicionar perante três pontos:

1" — Escolher uma das possibilidades da atitude edipiana:

. posição ativa, ou seja, assumir a posição do pai; como ele se volta para a mãe, no sentido de amá-la;

. posição passiva, assumir a posição da mãe, no sentido de ser amado, como a mãe o é pelo pai;

"... e o pênis, fonte de excitação, deve desempenhar algum papel nisso."<sup>4</sup>

2" — Assumir o risco da castração, que envolve qualquer uma das duas possibilidades da atitude edipiana:

. se assumir o lugar do pai junto à mãe, ou seja, amar, sofrerá a represália do pai, a castração;

. se assumir o lugar da mãe junto ao pai, ou seja, ser amado, deve eliminar a mãe e assumir o papel feminino — lugar de ausência do pênis — portanto, castração.

É aqui, neste segundo ponto, que podemos localizar a dimensão lógica do complexo de Castração: "só existe um"<sup>5</sup> que, possuindo o falo, não corre o risco da castração, e este Um é o Pai Primordial. Diante desta constatação, vence o narcisismo.

No menino, o narcisismo o leva a optar por seu "pênis intacto" e, pela identificação a um traço, introjeta a autoridade paterna, proibindo as tendências do complexo de Édipo. Na menina, permanece o desejo de pênis (*Peniswunsch*) que, deslocado, é substituído pelo desejo de um filho do pai, desejo que permanece no Inconsciente.

Não obstante o declínio do complexo de Édipo, prevalece a égide do falo, isto é, o complexo de Castração.

Outro

Freud já havia escrito isso em "O Homem e a Mulher" (1913)

0 2 2 ... é a ... uma consequência da natureza lógica do desabauro

A identificação é outra operação de natureza lógica, de fato a sequência anterior: CE — PF → CÉ

3° — Substituir a relação de objeto por identificações, o que implica dessexualizações e sublimações dos anseios do complexo de Édipo, no que eles são inibidos em seu objetivo e transformados em relações de ternura.

Os investimentos objetais edipianos são então abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no Eu, construindo o núcleo do Supereu, que assume a severidade do pai, perpetua sua proibição do incesto e protege o Eu contra o retorno dos investimentos objetais libidinais.

Freud conclui que o destino do complexo de Édipo é "mais que um recalçamento".<sup>6</sup> Implica numa destruição (*Zerstörung*) e numa suspensão (*Aufhebung*) simultâneas. Os restos desta operação, permanecendo, criam sintomas neuróticos.

É necessário localizar aí uma distinção entre a castração, como o que determina a estrutura, que é o universal do sujeito, e o que se pode chamar de atitude (*Einstellung*) em relação a esse fato de estrutura, uma posição. O termo freudiano "escolha da neurose" implica uma posição frente ao falo, sustentada de modo particular em cada sujeito.

Ao operar como um organizador, o falo ressignifica, no a posteriori, a dimensão da falta a partir do complexo de Castração. A "significação do falo" tem uma função de nó, no sentido de uma regulação, que dá sua razão de proporção, um padrão de medida que permite ao sujeito operar a estruturação dinâmica dos sintomas (LACAN, 1958, p. 692). O falo como razão de proporcionalidade se abre como uma questão para os dois sexos.

A castração atinge o ser falante pela enunciação de que só existe Um que, possuindo o falo, não corre o risco da castração, e este "Um é o Pai Primordial"? A substituição dos investimentos libidinais por identificações é, portanto, uma consequência da primazia do falo bem no ponto em que a barra da castração se fez valer.

No encontro com essa barra, uma saída é a identificação. Podemos supor que a identificação tampona esse corte, mas, como uma cicatriz, é neste mesmo ponto que a incidência do corte poderá operar na clínica, levando-se em conta que, onde há identificação, houve corte. O que os fragmentos clínicos trabalhados nos apontam é que a primazia do falo é insuficiente para elucidar a questão da falta de significante da mulher. Então, a identificação ao falo passa a ter função de limite nessa busca extrema de representação.

## Da Clínica de Freud

A partir da problemática fálica, na clínica da histeria e da obsessão, colocam-se algumas questões relativas à identificação e ao corte.

## Fragmento I

O fragmento clínico descrito no artigo de 1913, "A disposição à neurose obsessiva", interessa-nos particularmente à medida que relata o caso de uma mulher, no qual uma histeria de angústia que se manteve alguns anos dá lugar a uma neurose obsessiva grave. Freud constata que a histeria de angústia se referia a um determinado (trauma) e que uma segunda experiência havia originado a neurose obsessiva.

Essa paciente, descrita como uma esposa feliz e quase satisfeita, queria ter filhos, reagindo com uma histeria de angústia frente ao fato de não poder tê-los do marido. Num segundo tempo, diante da impotência do marido, desenvolve sintomas obsessivos, expressando então, nestes dois tempos de regressão e fixação, o que Freud chamou de "documento bilíngüe".<sup>8</sup>

Freud indica, como fator desencadeante da histeria de angústia nessa mulher, a frustração de uma fixação infantil de desejo (*Wunschfixierung*), referida à equação falo=bebê, estabelecida como uma forma de contorno da castração na menina, ao mesmo tempo em que situa o sujeito em uma posição feminina.

O segundo tempo de sua neurose, que se caracteriza por sintomas de caráter obsessivo, responde à impotência do homem. A questão de não ter lugar como objeto de desejo para um homem reabre a hiância que a neurose tampona através do sintoma. A princípio, poderíamos dizer que o sintoma escreve uma resposta ao mal-entendido entre os sexos e particularmente ao fato de que, para essa mulher, a impotência do homem abre uma questão sobre o ser.

Assim, a cena de impotência do marido com o desfalecimento do órgão masculino confronta-a com a privação no simbólico de um significante que a represente. Não existe um que sustente o nome que ela pode receber do simbólico: ser sua mulher.

## Fragmento II

Este fragmento foi extraído do texto *O sentido dos sintomas*, de 1916, no qual Freud relata o caso de uma mulher de trinta anos, casada, que apresenta

as mais graves manifestações compulsivas". Entre outros atos compulsivos, muitas vezes por dia ela "corria de seu quarto até o quarto contíguo, assumia determinada posição ali, ao lado de uma mesa no meio do aposento, soava a campainha chamando a empregada, dava-lhe algum recado ou dispensava-a sem maiores explicações e depois corria de volta para seu quarto."<sup>9</sup> 1916

Todo esse ritual tinha o objetivo de indicar para outra mulher, aqui tomada como testemunha, uma mancha de tinta vermelha na toalha, prova da potência do homem. Isto porque a atitude do marido perante a própria impotência na noite de núpcias havia sido despejar sobre o lençol uma tinta vermelha. Freud consegue, na transferência, a explicação da paciente para essa compulsão. O sintoma, ao mesmo tempo, repete e corrige a cena de impotência do marido na noite de núpcias.

Eis portanto o “caroço” (*Kern*) da doença: identificada a seu homem, sustenta-o como potente, isto é, como homem. Essa mulher que renunciou à própria vida em favor da doença, o faz pelo motivo de que, se ele for impotente, para ela não há como sustentar-se ... como mulher. Freud ainda diz que esse sintoma se fixa na

conexão com uma vivência (*Erlebnis*) que não pertencia a um período esquecido da infância, mas que ocorre na vida adulta da paciente e permaneceu vivo em sua memória.<sup>10</sup>

Poderíamos sustentar que a vivência não fora esquecida porque não chegou a ser lembrança, mas é repetida, isto é, retorna como *agieren*<sup>11</sup> desse encontro faltoso com a feminilidade, a qual aponta e vela ao mesmo tempo. Identificando-se ao homem enquanto falo (*Mann*=marido=homem), ela evitaria o encontro com a falta de um significante que a representasse como mulher.

Sendo assim, a analisante renuncia a esse encontro e à vida própria por meio do enunciado: há o falo. Para ela, a diferença homem/mulher existiria, mas sem relação com a genitalidade, isto é, congelada pela falta no recalque, no tempo da primazia do falo, quando a antítese é “masculino versus castrado”.

### Fragmento III

Ainda no texto *O sentido dos sintomas*, Freud relata outro fragmento clínico, o de uma jovem de 19 anos, bem dotada, filha única. Tendo sido uma criança saudável, transformara-se numa jovem irritável, sobretudo com a mãe. Permanentemente insatisfeita e deprimida, a paciente apresentava ainda tendências à indecisão e à dúvida. O diagnóstico de Freud: agorafobia e neurose obsessiva.

Apresentava um extenso ritual de dormir, que podia durar até três horas, com atos que atormentavam seus pais. Com pretexto de suas precauções noturnas, a paciente necessitava de silêncio para dormir, devendo abolir qualquer fonte de ruído (parava os relógios, tirava do quarto os objetos que pudessem cair e se quebrar).

Quando criança, já impedia que seus pais dormissem de portas fechadas, chegando, não só a dormir entre eles, como a trocar de lugar com sua mãe na cama dos pais. Situação que, segundo Freud, foi o ponto de partida para as fantasias subjacentes ao ritual. Entre essas fantasias, incluía-se, certamente, a de gravidez, no caso da mãe, se o coito viesse a se confirmar. Assim, também, impedia a vinda de um rival. Havia um ritual com os travesseiros com o qual produzia ainda os símbolos genitais do homem e da mulher, com ela mesma representando o homem e substituindo o órgão masculino pela cabeça encostada no travesseiro (símbolo da mulher).

Atribuo, todavia, maior importância ao fato de notarem que, no ritual, o que se verificou não foi o resultado de uma única fantasia, mas de diversas, embora tivessem um *ponto nodal* em alguma parte e, ademais, que as regras estabelecidas pelo ritual reproduziam os desejos sexuais da paciente, num ponto positivamente e noutro negativamente — em parte servem de suplência (*Vertreten*) a esses desejos e em parte serviam de defesa contra os mesmos. [...] A jovem estava dominada por uma ligação erótica com seu pai, ligação [que] remontava à sua infância.<sup>12</sup> 1916

O ponto nodal está, como dissemos, na posição do sujeito em relação ao falo, ou seja, o falo como padrão de medida na estruturação do sintoma. Identificada ao falo, ela se postaria no “entre”, separando o casal. Dominada pela relação erótica com seu pai, relação que não *declinou* na infância (no sentido do declínio do complexo de Édipo), o falo surge como fonte da vida (a mãe pode ter um bebê) e, ao mesmo tempo, aponta para a castração imaginária.

Se o complexo de Édipo é o que está subjacente às fantasias masturbatórias, para a menina, para essa menina/jovem, a percepção da diferença sexual, a ausência de pênis na mulher, leva-a a assumir, imaginariamente, o lugar da mãe na relação com o pai, colocando-se portanto como castrada.

No entanto, o desejo de pênis não desliza para a fantasia de ter um filho do pai e, com isso, permanece ameaçadoramente presente. Não há a necessária distância que a operação de substituição traria. Esse sujeito, confrontado com a castração, servindo-se de seu sintoma, não declina da condição de ser o falo para assumir que só um o tem. Permanece no lugar, impossível, de fazer com seu corpo o falo.

### Fragmento IV

Extraído do artigo de 1920, *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, este fragmento trata de uma jovem de dezoito anos, que viveu os “estádios característicos do Édipo feminino”<sup>13</sup> e, até os quatorze anos, tinha sua libido concentrada em uma atitude feminina e maternal.

Aos dezesseis anos, com uma nova gravidez de sua mãe e o nascimento de um irmão, há uma mudança em sua posição: endereça-se a uma dama de má reputação, dez anos mais velha, a quem devota intensa ternura.

Um dia, passeando com a dama, num lugar próximo ao escritório do pai, ela o encontra e este lhes dirige um olhar furioso. Ela diz à dama que o homem que lhes dirigira o olhar era seu pai e que ele proibira a amizade entre elas. A dama, encolerizada, ordena à jovem que a deixasse ali mesmo. Desesperada, sai correndo, arremessando-se a um muro e pulando na linha férrea.

Freud analisa o fato como uma realização de desejo e uma punição. O desejo frustrado de ter um filho do pai induz a jovem a uma atitude homossexual. Diante do olhar do pai ela "caíra" (*niederkommen*) por culpa do pai. O termo *niederkommen* significa tanto cair quanto dar à luz. A punição refere-se ao fato de que a jovem desenvolvera inconscientemente intensos desejos de morte contra um e outro de seus pais: contra o pai, como vingança por impedir seu amor; contra a mãe, por causa da gravidez.

Assim, Freud nos indica duas passagens importantes relativas à questão da identificação:

- . a identificação com o homem traduz a decepção quanto ao objeto e equivale a uma regressão narcísica;
- . a tentativa de se matar expressa no *agieren* a morte do objeto com o qual se identificou. Seu sentido ambivalente relacionado ao termo *niederkommen* realiza também o desejo de se colocar no lugar da mãe (como aquela que "dá à luz").

A jovem volta-se para a dama com um tipo de amor masculino (*mannliches Typus*) — um "tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens", no qual o objeto é cindido entre uma parte idealizada e outra degradada. A jovem faz então uma cisão entre a mãe e a dama com o objetivo de preservar a ligação com a mãe e dedicar um tipo de amor de serviço à dama — sustentar o falo para a dama. Freud vai nos dizer que, em relação à dama, a jovem "fazia o homem" pela via do amor cortês, o amor idealizado que pouco espera e nada pede (*che poco spera e nulla chiede*). Lacan acentua que o que é buscado na dama e na mulher é o que falta a ela: o falo. O que é desejado está para além da mulher amada. É um amor que visa à não satisfação, sustentando a falta na relação com o objeto. É neste ponto que este fragmento possibilita um avanço em relação à teorização anterior.

Os fragmentos clínicos aqui trazidos, analisados à luz da prevalência fálica, elucidam, parece-nos, três questões desenvolvidas ao longo deste trabalho:

- 1- a passagem do Édipo à Castração;
- 2- a delimitação do falo como organizador;
- 3- a identificação como conseqüência desta organização.

O recurso à clínica mostra-nos a peculiaridade do posicionamento do sujeito frente ao falo. Em todos os fragmentos, evidencia-se que é a partir da lógica fálica que o sujeito faz sua escrita. Sintomática nos três primeiros casos, expressando predominantemente a fixação infantil de desejo (*Wunschfixierung*). Não sintomática, ainda que fixada ao infantil, na passagem ao ato levada a termo no quarto caso. No sintoma, a realização é simbólica; na passagem ao ato, a sustentação imaginária e simbólica se rompe e o sujeito cai, como objeto, no real.

Enfim, o que se constata é que o falo como organizador é o ponto nodal de uma amarração necessária que delimita um universo, o que torna possível a abordagem do que resta fora deste universo. Frente ao universal do falo e ao complexo de Castração, o que a clínica nos traz, seja na escrita sintomática ou na repetição não sintomática, é que a inscrição fálica marca-se pela ausência do significante da mulher, presentificando a recorrência do que resta além do falo.

#### NOTAS

\* Psicanalista — Escola Letra Freudiana. Mestranda em Estudos Literários pela FALE-UFMG

\*\* Psicanalista e membro do Aleph Psicanálise-Transmissão - BH.

\*\*\* Psicanalista e membro do Aleph Psicanálise-Transmissão - BH.

\*\*\*\* Psicanalista e membro do Aleph Psicanálise-Transmissão - BH e professora do Centro Universitário da FCH-FUMEC.

\*\*\*\*\* Psicanalista e membro do Aleph Psicanálise-Transmissão - BH, mestranda da UFMG.

\*\*\*\*\* Psicanalista e membro do Aleph Psicanálise-Transmissão - BH.

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. *A organização genital infantil* (1923). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.180. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19).

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.217. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19).

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 314. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19).

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_. *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.221. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19).

<sup>5</sup> Referência à lógica de Lacan na escrita das fórmulas da sexuação em *O seminário 20*: mais, ainda. 2 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.221. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 19).

<sup>7</sup> Referência à lógica lacaniana cf. nota 5 supra.

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund. *A disposição à neurose obsessiva* (1913). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969, p.401. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 12).

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_. *O sentido dos sintomas* (1916). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.309-310. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 16).

<sup>10</sup> *Ibidem*. p. 312.

<sup>11</sup> Palavra alemã com que Freud se refere ao que retorna como repetição e não como rememoração.

<sup>12</sup> *Ibidem*. p. 318.

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.193. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 28).

## Identificação e corte

Tempos da experiência do desejo

Margarida Maria C. Chaves\*

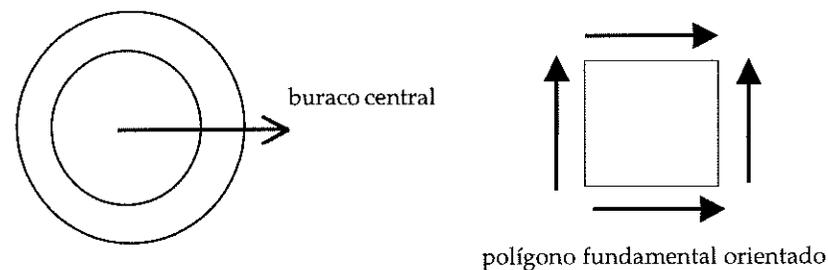
Maria Regina F. Cardoso\*\*

Identificação e corte: o referenciamento de um trabalho que se exige clínico, ético, portanto, analítico.

A suposição radical, que é a nossa, coloca o sujeito em sua constituição como efeito do significante. É o que nos demonstra Lacan a propósito da identificação como estrutura do sujeito, resultante do fato de ele estar na linguagem.

Seguiremos esse vínculo do significante à estrutura subjetiva através das superfícies topológicas, que constituem para nós um suporte, um recurso privilegiado. A topologia é estrutura e é aí mesmo, no interior da estrutura, que o sujeito se capta. O lugar onde o sujeito se aloja e se advém como desejante, como disso saber? Lacan utiliza a topologia para trabalhar questões como esta. A "inflexão constituinte" do toro nos permite seguir a lei à qual o sujeito está submetido no processo de identificação.

Diferentemente da esfera em que um dentro-fora pode ser situado, o toro é uma superfície sem borda, com um realce: o buraco central, onde o mais interno é externo. Suas propriedades o tornam uma estrutura própria à mostraçãõ dessa relação do sujeito ao Outro.



Qualquer corte numa esfera a divide em duas partes. Entretanto, há círculos que podem ser traçados sobre o toro e que não o dividem. Não